O corpo e a cidade: *a epidemia de febre esportiva* no Rio de Janeiro (1890-1920)*

*Gilmar Mascarenhas de Jesus**

Resumo

A incipiente urbanização brasileira colonial conformou um cenário de parcos e pouco dinamizados espaços públicos. O processo geral de modernização urbana, que se verifica principalmente a partir de meados do século XIX, permite uma crescente renovação de usos dos espaços públicos da cidade, e neste processo inserimos a adesão maciça aos esportes. Tomando a cidade do Rio de Janeiro durante as primeiras décadas da República como estudo de caso, procuramos apresentar este movimento de adoção e exibição de práticas esportivas e contextualizá-lo.

Palavras-chave:

Urbanização; Espaços Públicos; Esportes.

Introdução

> *Que espécie de sociedade é esta onde cada vez mais pessoas utilizam parte de seu tempo de lazer na participação ou na assistência a estes confrontos regulados de habilidades corporais a que chamamos esportes?* (ELIAS e DUNNING, 1985, p. 40)

Este trabalho tem dois objetivos centrais. O primeiro é tentar demonstrar, através de dados e situações concretas, que a cidade do Rio de Janeiro vivenciou, no período que se estende pelas três primeiras décadas de vida republicana, uma rica atividade esportiva, caraterizada pela introdução e multiplicação de novas modalidades e pela ampla proliferação de clubes. Queremos assim justificar a atribuição a esta época da ocorrência de uma *febre esportiva*, uma alusão às famosas epidemias que tanto preocuparam a cidade de então. Uma peculiaridade, porém: esta afetava majoritariamente os segmentos abastados da população carioca.

O segundo objetivo é levantar hipóteses que expliquem tal fenômeno. Buscamo-las não apenas na escala local, mas também no contexto europeu, de onde se originou a onda mundial de glorificação do fisiculturismo e dos esportes, como entretenimento e como via de obtenção de uma vida saudável, e ainda como espetáculo para a nascente indústria do entretenimento urbano.

Para atingir o primeiro objetivo, mergulhamos na bibliografia específica da história do lazer e dos esportes no Rio de Janeiro, e recorremos também à leitura de periódicos de época e aos códices relacionados a diversões públicas e esportes no Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro. Obviamente, contamos com todo o panorama contextualizador de tais eventos, oferecido pelo curso que originou este artigo e sua ampla bibliografia.

O segundo objetivo necessitou da leitura de fontes internacionais, particularmente do *Sir*

Norman Chester Centre for Football Research (sediado em *Leicester University,* U.K.), que permitiram mapear um pouco da evolução dos esportes e os fluxos de exportação desta inovação, através do comércio internacional, das firmas inglesas aqui atuantes e em geral de toda a atmosfera de *europeização* que vivia a classe dominante da cidade do Rio de Janeiro no período em foco.

Uma preocupação que atravessa todo o trabalho é a de relacionar o amplo movimento supracitado com as mudanças na forma e dinâmica urbanas. Queremos vincular o surto da *febre esportiva* ao momento em que a cidade finalmente está apta a vivenciá-la. A análise do material obtido nos sugere que a cidade levou algumas décadas para *responder* positivamente aos apelos quanto ao desenvolvimento dos esportes, que nos chegavam pela zona portuária e pelos jovens bacharéis recém-vindos da Europa, mas que também já ocorriam no interior da vida urbana carioca, através dos ingleses que aqui viviam.

Com esta preocupação procuramos ainda enfatizar o papel dos espaços públicos, que aqui aparecem como logradouros em geral, baldios, praias e também como equipamentos de uso coletivo destinados (ou apropriados) ao lazer. Entendemos que a relativa demora da cidade em absorver o modismo europeu de esportização[1] se explica em parte pela situação e uso de seus espaços públicos: o estado precário de conservação, o porte acanhado, a tradição cristã de uso ritualizado (sacralização), o aparato de controle e vigilância da Igreja e da burocracia estatal, e por fim a escravidão, ao dotar tais espaços de um significado predominantemente pejorativo e repelente às parcelas dominantes da sociedade.

E assim o trabalho se divide em dois segmentos. No primeiro, tratamos da cidade colonial brasileira, e em particular do Rio de Janeiro (até meados do século XIX), como um urbano pouco permeável à introdução da atividade esportiva. A rigidez que caracterizou o uso de seus (poucos) espaços públicos, imprimiu uma sociabilidade[2] restrita e muito pouco aberta a novas formas de comportamento. O objetivo é exatamente contrapor um cenário urbano colonial *fechado* a um outro, posterior, caracterizado (ao menos no plano ideal) pela abertura a novas idéias e atitudes, algo que BERMAN (1986, p. 18) definiu como euforia da modernidade:

> *exacerbação dos prazeres mundanos, atmosfera de agitação e turbulência, aturdimento psíquico e embriaguez, expansão das possibilidades de experiência e destruição de barreiras morais.*

Ainda que tal atmosfera tenha se implantado por aqui de forma bastante incompleta (ou mesmo artificial), ela ajuda a explicar a velocidade pela qual a cidade passou a absorver os esportes, na virada do século.

No segundo segmento, tratamos de descrever a ampla ocorrência de atividades esportivas (e congêneres) na cidade no início do período republicano, visando atingir o primeiro objetivo central já aqui mencionado. Novamente, procuramos inserir tal movimento no contexto da dinâmica sócio-espacial urbana de então.

Cabe lembrar que não nos intimidamos com o fato de recortar um objeto de estudo que apenas levemente afeta a materialidade urbana (com exceção dos grandes estádios, que entretanto somente aparecerão mais tarde). Concordamos que "toda uma história ainda está por ser escrita do medo do imaterial na investigação geográfica" (PHILO, 1996, p. 274). A tradição da imaginação geográfica em se deter aos objetos visíveis da sociedade tem raízes, como sabemos, na busca positivista da legitimidade científica por parte de uma disciplina tradicionalmente pouco afeita à teorização.

Não é portanto casual que temas como o lazer, o turismo e os esportes historicamente receberam pouca atenção por parte dos geógrafos, ainda que venham apresentando pleno desenvolvimento nas últimas duas décadas, libertando-se de velhas abordagens atadas à mera distri-

buição espacial dos fenômenos[3]. No âmbito maior das Ciências Sociais, o tema também reconhecidamente carece de um consistente esforço conjunto de entendimento, situando-se no amplo universo temático que apenas recentemente vem conquistando certa legitimidade acadêmica (GUEDES, 1982, p. 61). Ao mesmo tempo, produziu-se sobre os esportes ampla literatura não-acadêmica. Enfim, estamos lidando com um objeto de estudo sobre o qual pesa uma bibliografia de delicado manejo[4].

Neste trabalho, nos inserimos na linha de investigação que procura contextualizar a vida recreativa nos marcos de uma sociedade e espacialidade historicamente constituídas. Ao eleger os esportes e o entretenimento em geral, operamos com uma parcela do amplo conjunto de transformações vivenciado pela cidade no início do período republicano, que afetou decisivamente a dinâmica de seus espaços públicos e que tem na Reforma Passos seu ponto central.

I - Corpo e espaços públicos na cidade colonial: rigidez na *economia de gestos*

Operar uma distinção absoluta entre um urbano colonial e um outro que lhe é consecutivo e *moderno* é reconhecidamente uma tarefa arriscada .No caso brasileiro, estes dois períodos da evolução urbana comparecem, de forma visível, em cidades como o Rio de Janeiro, o que não significa dizer que se pode estabelecer um momento preciso de ruptura entre um passado colonial que cede lugar a modernidade. A vida urbana encerra facetas diversas, e cada uma delas pode apresentar um movimento relativamente diferenciado do conjunto. No plano político-administrativo, por exemplo, a cidade perde sua condição colonial em 1822, com a proclamação formal da independência nacional. No plano econômico, entretanto, as estruturas de dominação e exploração colonial persistiram, sob a égide do Império Britânico, posto que, segundo os termos talvez exagerados de FREYRE (1948, p. 15), Portugal Já não passava de um vinhedo dos ingleses. Se observarmos por outro lado a forma urbana, podemos concordar com ABREU (1987, p. 67) e supor que a herança colonial-escravocrata na fisionomia da cidade somente é removida definitivamente da paisagem carioca com a radical reforma de Pereira Passos, já no início do século XX, quando o traçado irregular e acanhado de vielas, largos e becos da área central cede a preferência aos amplos retilíneos boulevares de arquitetura monumental, símbolos da modernidade capitalista.

No plano das sociabilidades e usos dos espaços públicos na cidade do Rio de Janeiro, talvez seja prudente basear-se num longo processo de transição das estruturas da vida quotidiana, que se inicia discretamente em 1808, com a abertura dos portos e a chegada da família real e seu novo conceito de vida urbana. O movimento adquire força a partir de 1850, com a adesão crescente ao *mundanismo* (BUARQUE, 1994) e vai se consolidar já em plena *belle époque*, quando finalmente novas possibilidades de experiência encontram um cenário urbano propício. Estudando o advento dos esportes modernos no Rio de Janeiro, é esta a dimensão que nos interessa: a passagem gradual de uma cidade vigiada e de escassa sociabilidade ao ar livre, para uma outra, onde o espírito laico e hedonista da modernidade subverte e dessacraliza os espaços públicos. Comecemos então pelo urbano colonial.

Debret nos deixou registrado que o único esporte praticado no Brasil Colonial é a caça. Fernando de Azevedo tentou acrescentar outras modalidades (que Gilberto Freyre trataria apenas como nossos quase-esportes rurais), como a cavalhada, espécie de mimetismo da guerra, herança da cavalaria medieval. Havia ainda a eventual tourada, mas AZEVEDO (1930, p. 25) admite que até 1888 nossa prática esportiva era ínfima, pois "a vida social, tolhida de preconceitos, não estimulava os exercícios físicos".

Excetuando-se o vasto mundo rural, podemos dizer que no urbano colonial brasileiro a

disponibilidade de espaços abertos para as manifestações coletivas era muito pequena. Ademais, muitos destes espaços estavam associados diretamente à Igreja e seu consistente aparato de vigilância, apesar de ser o adro "o único largo generoso ou capaz, ainda que modesto, de abrigar todos do lugar e das redondezas", afirma MARX (1991, p. 54). A vigilância quotidiana também se realizava através do forte controle do poder estatal: somente a presença ameaçadora do pelourinho, instituição medieval portuguesa que dotava o espaço circundante de silêncio e terror, poderia elevar um povoado brasileiro à condição de vila ou cidade[5]. Trata-se de um mundo de pouca flexibilidade no domínio da *economia de gestos*[6].

As limitações de sociabilidade não se restringem às praças, rossios e largos da cidade colonial: as ruas, segundo REIS FILHO (1968, p. 130-131) não apenas apresentavam o, por demais conhecido, aspecto medieval de escassa largura e grande irregularidade como também não tinham, na maior parte dos casos, qualquer significado como local de permanência:

> *Não se vivia, definitivamente, dentro dos perímetros urbanos, com exceção dos administradores da Coroa ou dos artesãos (...) muitos viajantes estrangeiros, que cruzaram o interior do país (foram levados) a interpretar as cidades brasileiras como simples pontos de reunião dominical dos latifundiários da área.* (ZANCHETI, 1986, p. 13)

Apesar da citação acima se adequar mais a pequenas vilas do que a uma cidade de trinta mil habitantes e capital do vice-reino como o Rio de Janeiro em 1800, não podemos ignorar a debilidade da vida social urbana no quotidiano dos espaços públicos cariocas de então, sobretudo no âmbito do segmento social detentor de posses e títulos de nobreza. Certamente, entre negros escravos, índios e brancos pobres haviam outras formas de sociabilidade, que não convém entretanto tratar aqui.

CARVALHO (1994, p. 105) comenta a falta de dinamismo social nas ruas ao apontar para o fato de inexistir nas elites e classes médias do Rio de Janeiro até meados do século XIX o hábito de sair de casa, exceto a freqüência socialmente obrigatória à missa dominical. A atitude das classes dominantes é bastante clara neste aspecto: deixar evidente a profunda diferença para com aqueles que, desprovidos de qualquer nobreza, necessitam trabalhar com base no esforço muscular. Tal atitude deixará profundas marcas nos *espaços públicos* de nossas cidades: durante a maior parte do tempo estes serão povoados quase que exclusivamente pelas massas de negros escravos em sua pesada labuta quotidiana.

BENCHIMOL (1990, p. 28-32), em seu exaustivo levantamento sobre as condições materiais da cidade às *vésperas* da Reforma Passos, comenta que os escravos dominavam a paisagem das ruas, em trajes indecentes para os padrões familiares. Outros aspectos como o mau cheiro, o tráfego intenso, barulhento e perigoso dos carroceiros, além do péssimo estado do calçamento das ruas, tornavam os espaços públicos muito pouco convidativos, sobretudo para as senhoras brancas, que praticamente viviam enclausuradas em seus lares

O quotidiano do Rio de Janeiro sofrerá incremento dinamizador com a chegada da corte portuguesa em 1808, que estava habituada a uma vida social urbana mais intensa desde a reforma pombalina na cidade de Lisboa (LOUSADA, 1995). Entretanto, ainda assim, o Rio de Janeiro manterá as estruturas quotidianas básicas da *sociedade de ordem*: religiosos e militares alimentam as procissões e cerimoniais públicos que preenchem o dia-a-dia da cidade com rigorosos rituais espetacularizados ao longo do rico calendário anual de feriados[7] SILVA (1978, p. 67) alerta para o depoimento de viajantes europeus que vêem o Rio de Janeiro da época como cidade monótona e sem diversões ou reuniões sociais.

Para se engajar no modismo europeu das práticas esportivas (como veremos no próximo segmento), a sociedade brasileira precisou superar seu forte preconceito em relação às atividades que exigem esforço muscular. Tal preconceito advém naturalmente de uma sociedade amplamente fundada no escravismo, e que aliás muito resistiu, como é bastante sabido entre nós, a superar tal estágio e adotar o assalariamento progressivo da força de trabalho. Durante três séculos e meio, qualquer atividade física mais exigente era encarada como moralmente degradante, incluindo-se até mesmo o mero ato de transportar às mãos um pequeno pacote, conforme atestam inúmeros relatos de viajantes europeus ao Brasil.

Quando Rui Barbosa, na condição de chefe da comissão estadual de ensino, propôs em 1882 a introdução do exercício físico no currículo escolar, não foi, ao que tudo indica, levado à sério (CALDAS, 1990, p. 21). Gilberto Freyre, em seu clássico *Sobrados e Mocambos* (FREYRE, 1951, p. 171-172), faz referência a esta aversão da sociedade patriarcal brasileira aos exercícios físicos, recorrendo às palavras condenadoras do médico Lima Santos:

> *...metidos em casa, e sentados a mor parte do tempo, entregues a uma vida inteiramente sedentária, não tardam que não caiam em um estado de preguiça mortal (...) sahir à rua o menos possível, ser visto o menos possível, e se confundir o menos possível com essa parte da população que chamam de povo e que tanto abominam.*

Não podemos entretanto imputar apenas ao modelo de sociedade escravista o desenho urbano e à insuficiência da vida social nas cidades do Brasil Colonial a responsabilidade pela preponderância de uma conduta individual fisicamente passiva ou acomodada ao conforto e privacidade dos lares. Até mesmo porque tal comportamento não era uma especificidade brasileira, pelo contrário, havia se consolidado pela Europa desde o início da era medieval, atráves da difusão do ideário cristão.

SENNETT (1997) assinala a profunda transição do uso do corpo, transcorrida entre o Império Romano e o medievo: da orgia pública pagã às renúncias corporais do *espaço cristão.* Foi justamente o imperador romano Teodósio no ano de 349, portanto já em plena vigência da hegemonia cristã, que proibiu a continuidade dos Jogos Olímpicos, que existiam há mais de mil anos. Na idade média, encontram-se facilmente registros policiais de perseguição implacável às práticas esportivas populares, tais como o *futebol ancestral* ou *folk football* (ELIAS e DUNNING, 1985): a movimentação descontrolada de centenas de homens em luta por uma *pelota* (incluem-se aqui objetos diversos, até mesmo crânios humanos) provocava nas estreitas ruas medievais confusão, delitos, gestos imorais e danos à propriedade privada.

Todavia, mesmo no Renascimento os esportes que exigem grande aplicação de força e atritos corporais se mantiveram desprestigiados, dada a grande importância atribuída pelos humanistas à erudição, em detrimento da atividade física. Também o zelo moralista e o severo intelectualismo da Reforma e da Contra-Reforma, segundo o estudioso HUIZINGA (1996), investiram contra a prática esportiva[8]. Somente no último quartel do século XVIII, no contexto do *Iluminismo*, que efetivamente se expandem as idéias de resgate e revalorização dos exercícios corporais, tendo em vista o desenvolvimento individual. Tal movimento é apresentado no próximo segmento.

Por enquanto, o que nos importa é frisar a transição vivida pela cidade do Rio de Janeiro, no tocante à experiência corporal pública e socializada. A partir de um determinado momento, a tradicional rigidez de nossos espaços públicos, vigente durante a maior parte do ano, tornara-se coisa do passado. Segundo Roberto Moura,

> *A complexidade crescente da cidade do Rio de Janeiro e a diversificação social de*

sua população geraria nos últimos anos do século um público novo, a quem não mais satisfaria, em sua ânsia de divertimentos, os dias de entrudo e as festas religiosas ao longo do ano cristão oferecida pelas paróquias. MOURA (1995, p. 76)

Na última década do século XIX, o movimento de adesão aos esportes e ao lazer ao ar livre vai adquirir força e velocidade inéditas. Várias modalidades esportivas conquistaram então ampla aceitação em nossos principais centros urbanos. A nascente indústria de entretenimento popular, particularmente na cidade do Rio de Janeiro, apresenta neste período um formidável ritmo de expansão. Novos hábitos vão sendo rapidamente incorporados ao cotidiano das cidades brasileiras, expandindo as formas de lazer e *refuncionalizando* os espaços públicos, num processo que alguns autores definem como *laicização* ou *dessacralização* da vida cotidiana. BUARQUE (1995, p. 16-17), nos lembra que a própria noção de *mundano* se altera radicalmente entre o século XVIII e o final do século XIX: de algo ilícito como *o que segue a máxima e o ditame contrários à lei de Cristo,* torna-se algo muito mais aceito (e até louvável, dentro do espírito capitalista) como *o que se ocupa demasiado da coisas do mundo.*

II - Corpos são máquinas em movimento : o frenesi da cidade moderna

A modernidade urbana, segundo Marshall Berman, se configura nas principais cidades européias do final do século XIX enquanto atmosfera de excitação e entusiasmo pelas novas formas aceitáveis de conduta em público. Os esportes são componentes deste movimento, e não escaparam às observações de Marcel Proust:

sobretudo depois da voga da cultura física, a ociosidade assumiu um caráter esportivo a traduzir-se, ainda fora das horas de exercício, por uma vivacidade febril que imagina não deixar ao tédio nem tempo nem lugar para desenvolver-se (PROUST, 1995, p. 13).

A adesão coletiva aos esportes começa a esboçar-se lentamente um século antes da torrente hedonista da Belle Époque, por razões associadas ao desenvolvimento saudável do corpo. Na segunda metade do século XVIII, torna-se habitual nos colégios ingleses a prática de jogos viris (que freqüentemente exigem mais empenho muscular que propriamente habilidades mais nobres como destreza e equilíbrio), extraídos e reelaborados pelos jovens a partir de jogos da tradição popular, como o *folk football.* A elite agora iniciava-se em práticas esportivas diferentes daquelas consideradas próprias da nobreza: a esgrima, a equitação, a caça, o arco, o salto, etc (DUNNING e SHEARD, 1979, p. 1-3). Tal mudança comportamental se insere no movimento crescente de resgate de valores clássicos que encontram a melhor tradução em *mens sana in corpore sano*[9].

Em 1830, a educação física encontra-se plenamente inserida nas *public schools* inglesas, e com ela, o incentivo oficial à prática de jogos populares que, submetidos a uma crescente regulamentação, resultará na *invenção* de diversas modalidades esportivas de ampla aceitação mundial posterior, como o futebol, o rugby e o cricket[10]. Entre 1820 e 1870, as escolas públicas inglesas funcionaram como laboratórios de invenção dos esportes modernos (AUGUSTIN, 1995, p. 20). Tais esportes logo ultrapassaram os muros escolares para conquistar os amplos espaços abertos criados pelo urbanismo vitoriano a partir de 1845 e amplamente disseminados a partir de 1880 como *recreation grounds* (LAVERY, 1971, p. 112).

Cumpre não esquecer que no século XIX os ingleses chegaram a dominar ¼ do planeta (SAID, 1995), e que das Ilhas Britânicas partiu mais de 1/3 da volumosa onda migratória euro-

péia entre 1850 e 1890, período que coincide exatamente com a consolidação dos esportes ingleses (HOBSBAWM e RANGER, 1984). Tais fatores contribuem para explicar o sucesso dos *sports* em sua difusão pelo mundo[11].

Entre 1808 e 1924, excetuando-se os anos da primeira guerra mundial, os ingleses efetivamente dominaram o comércio exterior brasileiro: ao longo do século XIX, o porto do Rio de Janeiro avistará mais bandeiras inglesas que as de todas as demais nacionalidades somadas, inclusive portuguesas e norte-americanas (MANCHESTER, 1973, p. 261). Em todo o continente americano, o movimento portuário carioca somente era superado pelos de Nova Iorque e Buenos Aires (SEVCENKO, 1983, p. 27). Segundo o olhar original de FREYRE, no imaginário popular os navios ingleses "roubaram o mar do domínio de iemanjá" (FREYRE, 1948, p. 55). E pelo litoral do Brasil penetram não apenas os numerosos produtos da poderosa indústria inglesa, mas também os valores e comportamentos considerados *civilizadores,* entre os quais, a prática esportiva[12].

Por volta de 1850 ou 1860, através das zonas portuárias e dos empreendimentos britânicos, começam a chegar ao Brasil com maior freqüência informações sobre os novos *sports* e seu pretenso papel de fortalecer o corpo e simultaneamente o espírito[13]. Os próprios ingleses procuram entre si praticar esportes ao ar livre, gerando curiosidade popular. Em 1865, o Cricket Club solicita à Camara Municipal do Rio de Janeiro permissão para praticar no Campo da Aclamação um divertimento inglês, "não necessitando para tal fim mais do que alisar o terreno que lhe for demarcado"[14].

O remo é praticado na cidade desde pelo menos 1851, quando se funda o grupo *os mareantes*. Nas últimas duas décadas do século XIX, multiplicam-se os clubes de regatas e se realizam competições muito disputadas (MELO, 1997, p. 232). É neste momento que a utilização das praias para fins de banho vai adquirir uma conotação mais ampla, ultrapassando o conceito estrito de banhar-se somente por prescrição médica para sanar problemas dermatológicos. Até aproximadamente 1850[15], quando se inicia a expansão do uso terapêutico dos banhos de mar, as praias eram utilizadas basicamente como depósito de dejetos urbanos, e para coleta de mariscos e pesca para os setores socialmente marginalizados. Mesmo a prescrição médica encontrava alguma resistência por ser o mar um domínio particularmente denso de crenças mágicas.

Com a difusão do banho de mar para fins terapêuticos, inicia-se um processo de apropriação da praia como local de lazer. Em 1896, uma crônica na imprensa alertava para a excitação e alegria de banhistas, que começam a frequentar diariamente a praia por prazer (ARAUJO, 1995, p. 322). Trata-se de uma mudança comportamental que afetará fortemente (e será também impulsionada) pela atuação do capital imobiliário, imprimindo à cidade um novo padrão de distribuição interna das classes sociais, radicalmente distinto daquele vigente até aproximadamente 1890, pela difusão da ideologia do morar à beira-mar como estilo de vida *moderno* (ABREU, 1987, p. 47).

Este movimento de refuncionalização completa das praias cariocas se insere, ao nosso ver, no processo mais amplo de adesão a novas práticas corporais de entretenimento, que glorificam a atividade muscular ao ar livre. O uso medicinal do banho de mar se vincula a descobertas científicas de meados do século XVIII, que apontam para seus benefícios físicos, mas sua intensificação com fins de lazer é um dado cultural do século XIX, quando se desenvolve toda uma *arquitetura do mar* (CORBIN, 1989, p. 274-80). Neste sentido, parece ter também origem inglesa: a conexão ferroviária entre a grande metrópole londrina e o balneário de Brighton, em 1841, propiciou paulatinamente a formação de um fluxo maciço de banhistas de veraneio, como nova forma de entretenimento (MORRIS, 1984, p. 323). Tal informação nos chegou, tal qual as

atividades esportivas, como mais uma grande novidade *civilizadora*.

Neste movimento, o turfe merece destaque. Em 1850 já existe no Rio de Janeiro uma pista situada entre Benfica e a Quinta da Boa Vista onde se realizam espetáculos turfistas com movimento de apostas, promovidos por ricos comerciantes, eles mesmos proprietários dos cavalos. A atividade evolui rapidamente, e no ano de 1868 se edifica por iniciativa privada um verdadeiro hipódromo (pista dotada de arquibancadas), o Prado Fluminense, próximo à estação ferroviária de São Francisco Xavier (RIBEIRO, 1944). Já no ano seguinte, são ali realizadas corridas que atraem até quatro mil pessoas e toda a elite imperial. Segundo RENAULT (1982, p. 200), em 1886 já existiam na cidade quatro hipódromos, com 63 páreos e grande movimento de apostas, além de uma revista especializada, *O Jóquei*.

O ciclismo, que já se difundira na Europa a ponto de ser considerado o primeiro esporte de massa na escala continental (HOBSBAWM e RANGER, 1984, p. 188-189), gozou também de enorme popularidade no Brasil, no final do século passado. Os fabricantes de bicicleta na Europa conseguiram alça-la à condição de um dos símbolos máximos da liberdade individual, baseados em sua grande mobilidade[16]. Também investiram na promoção de corridas, para fins de publicidade, edificando no Rio de Janeiro do final do século XIX o Velódromo Nacional. Também no Passeio Público e no Parque de Vila Isabel se realizavam corridas de bicicleta (ARAUJO, 1995, p. 330-331).

Também o futebol se insere nesta onda de adesão a uma vida atlética e sã. Este esporte aporta no Brasil no final do século XIX (assim como o basquetebol, o tênis e a natação) e já encontra nas grandes cidades uma cultura esportiva bastante disseminada. Neste sentido, importante notar que muitos clubes de futebol no Rio de Janeiro se originaram de clubes preexistentes, sejam de regatas (C.R. Flamengo, C.R. Vasco da Gama), de cricket (o Paissandu), de ciclismo e corridas a pé (América F.C.) ou mesmo de extintos clubes excursionistas, como o Botafogo F.C. (MATTOS, 1997, p. 46). Curiosamente, este ambiente favorável que o futebol encontrou para sua aceitação é frequentemente ignorado pela historiografia futebolística no Brasil.

O futebol carioca somente ultrapassará o remo em popularidade no transcorrer da década de 1910. Vale observar a resistência do remo em se deixar suplantar por um esporte que já alcançara na Bahia, no Rio Grande do Sul e em São Paulo a suprema aceitação popular (JESUS, 1998). Podemos levantar aqui a hipótese de que a Reforma Passos, ao privilegiar o embelezamento da orla e sua acessibilidade, favoreceu a prática e o espetáculo das regatas, que passaram a reunir multidões. Os esportes, como qualquer outra atividade econômica, dependem fundamentalmente da materialidade urbana e da organização interna da cidade. Relativamente beneficiado pela reforma urbana, o remo retardará no Rio de Janeiro a ascensão praticamente inevitável do futebol à condição de esporte principal na preferência popular[17].

A febre esportiva chega a ponto de implantar na cidade a corrida de pombos (Jornal do Brasil, 26/06/1910). Foi, portanto, muito grande a receptividade da população carioca aos esportes na virada do século. Tal atitude se vincula diretamente ao fato destes representarem não apenas uma via para a vida saudável, mas sobretudo por constituir um elemento civilizador do ideário burguês, importado da Europa. Quanto às camadas populares, estas parecem se ter mantido inicialmente reticentes ao surto esportivo, até por que a adesão a este modismo implica custos materiais elevados (todo o equipamento era importado) e mesmo a assimilação de novos códigos de conduta. A capoeira mantém-se como singularidade neste cenário: resistiu aos violentos e sistemáticos ataques policiais, mantendo-se como *esporte* mais popular da cidade até 1904, ano em que a repressão assumiu níveis inéditos, pela vinculação, no discurso oficial, das maltas da capo-

eira à Revolta da Vacina (SANTOS, 1981, p. 26). Em 1887, a imprensa noticiava que a capoeira é a "grama de nossas ruas; a enchada da polícia arranca-a de um lado, mas ella aparece de outro" (RENAULT, 1982, p. 99).

A adesão maciça aos esportes responde a um conjunto geral de profundas transformações na vida urbana, relacionadas ao advento da modernidade. Nicolau SEVCENKO (1993, p. 87), ao tratar o caso paulistano de forma brilhante, expõe o *pano de fundo* deste fenômeno, uma cidade em acelerado crescimento e caracterizada pela diversidade étnico-cultural:

> *Pressionada pela pobreza extrema, essa população de destituídos havia perdido seus laços familiares comunitários e territoriais. Dentro do novo ambiente, esses homens eram estranhos uns aos outros, mal falavam uma linguagem comum, assim como eram estranhos à vida urbana moderna, precisando desesperadamente de uma nova identidade e de novas bases de solidariedade. As autoridades aprenderam como explorar essa vulnerabilidade cultural e essa necessidade espiritual, fornecendo-lhes uma nova mitologia...*

Enfim, vimos como a adesão aos esportes se insere na perspectiva de retomada dos espaços públicos e liberalização dos costumes: a ascensão da figura do *sportsman*, que aposenta o *pince-nez* e o vestuário pesado para expor publicamente seus músculos. Segundo EDMUNDO (1938, p.319), esta nova geração é bem distinta daquela que proclamou a República, formada de homens *lânguidos e raquíticos*, sempre enrolados em grossos *cache-nez* de lã.

Conclusão

Procuramos demonstrar, através de situações diversas, o quanto o período estudado se caracterizou pela alta incidência de novas atividades de lazer, em particular as atividades esportivas. Não pretendemos afirmar que foi naquele contexto que se introduziu na cidade a prática esportiva, mas certamente foi uma época de grande intensificação desta, a ponto de sugerir o título deste trabalho: uma epidemia de febre esportiva.

Pretendemos agora meramente elencar alguns dos fatores que, julgamos, contribuiram para a conformação desta *epidemia*. Em primeiro lugar, destacaremos os fatores extra-locais, examinando qual parcela do *mundo* se projeta sobre o *lugar* Rio de Janeiro, tomando de SANTOS (1996) os conceitos de lugar e mundo. A seguir, levantaremos algumas condições locais que provavelmente colaboraram na *importação* de novos comportamentos, bem como lhe imprimiram uma singularidade inerente ao lugar.

São alguns fatores extra-locais:

a) A progressiva retomada, desde o Renascimento, de valores greco-romanos, dentre eles a valorização da estética muscular, dentro de um modelo de fisiculturismo acoplado ao desenvolvimento do espírito.
b) A introdução sistemática da educação física nas escolas européias do início de século XIX, e sua crescente vinculação aos interesses do estados nascentes (discurso nacionalista).
c) A adapatação, no mesmo período, no interior das escolas inglesas, de jogos populares remanescentes do período medieval, tornando-os menos violentos, e dotando-os de regras que posteriormente se internacionalizaram.

A cidade do Rio de Janeiro, que desde 1808 abriu seu movimento portuário às influências (não apenas materiais) do mundo dito *civilizado*, passou a receber contínuas informações sobre as novidades européias, e aderiu a muitas delas. Entretanto, no tocante ao desenvolvimento dos *sports*, que começam a se insinuar mais efetivamente pela cidade por volta de 1850 (através de ingleses que trabalham em firmas britânicas aqui atuantes), a receptividade carioca foi mais lenta. Este período de relativa rejeição ao modismo europeu de apologia ao fisiculturismo (e a decorrente refuncionalização dos espaços públi-

cos) parece se estender na cidade até aproximadamente 1890. Sugerimos os seguintes fatores como explicadores desta relativa inércia local:

a) A força da tradição: em todo o período colonial o Brasil não desenvolveu uma vida social urbana tão intensa quanto à verificada na fase seguinte (a da modernização urbana), seja pelo porte e natureza de nossas vilas e cidades, seja pelo aparato de vigilância montado pela coroa e pela Igreja.
b) A persistência, até 1888, do regime escravista, fator de desvalorização do esforço muscular. Ainda que a abolição encontrasse uma situação praticamente definida quanto ao término deste regime, havia toda esta poderosa ideologia em vigor, montada em tres séculos de escravidão. E no Rio de Janeiro, o contingente negro era muito significativo.
c) A presença vigorosa do imaginário cristão, a atribuir ao corpo uma atitude de autocontrole severo dos instintos, e desvalorizá-lo em relação ao papel preponderante da *alma*.

Quanto aos fatores que permitiram, no final do século passado, uma adesão maciça aos esportes no Rio de Janeiro, temos:

a) Uma atmosfera particularmente favorável à adoção de modismos europeus, como forma de ruptura republicana com o passado, onde o índio, o negro, o mestiço e mesmo o lusitano são vistos como elementos retrógados, que emperram o progresso[18].
b) A própria necessidade de novas formas de lazer por parte do segmento populacional proveniente da zona rural, geralmente emigrantes das decadentes zonas cafeicultoras fluminenses, incluindo negros libertos. A vida no campo oferece oportunidades de entretenimento baratas ou mesmo gratuitas (pesca, caça, banho em rios e cachoeiras, etc) que o ambiente urbano nega ou dificulta, suscitando ali iniciativas improvisadas de entretenimento.
c) A dessacralização dos espaços públicos e da vida social urbana em geral, impulsionado pelo ambiente hedonista da Belle Époque e pelos ventos positivistas republicanos, de ruptura com o domínio paroquial da Igreja.
d) A Reforma Passos que, mesmo sem destinar aos esportes qualquer papel substantivo (diferentemente do Plano Agache), dotou a orla marítima de maior acessibilidade e, mais que isto, tornou-se lugar central no novo estilo de vida que se impõe, estimulando o uso recreativo das praias e os esportes náuticos[19]. Certamente, a Reforma Passos já foi estudada sob os mais diversos ângulos, mas sua contribuição ao desenvolvimento da atividade esportiva da cidade é ainda uma pequena lacuna[20].

Não podemos deixar de frisar o caráter elitista que todo este movimento assumiu inicialmente: a imposição de uma nova atitude corporal, através da assimilação de esportes importados, se insere plenamente no projeto *civilizador* da classe dominante. SEVCENKO (1983) aponta para a intolerância de nossa *Belle Époque* para com a cultura popular, e não apenas para com o passado colonial. A europeização do carnaval carioca, o cerceamento a festas populares (da Penha, da Glória), e *mesmo a forma de jogo popular mais difundida, o jogo do bicho, é proibida e perseguida, muito embora a sociabilidade das elites elegantes se fizesse em torno dos cassinos e do Jockey Club* (SEVCENKO, 1983, p. 33). Indios, ciganos, imigrantes nordestinos e negros são elementos que o projeto de *cidade moderna* é, a princípio, incapaz de absorver.

A febre esportiva vivenciada pela cidade, que aqui apenas delineamos em certos aspectos, merece ser estudada mais profundamente. Trata-se de um momento que sinalizará um marco na evolução urbana da cidade. O uso recreativo das praias, que têm no apelo esportivo algo de essencial, modificou completamente o padrão de organização do espaço urbano carioca, contribuindo para definir um modelo de segregação vigente ainda hoje. Nos interessa investigar como o esporte pode redefinir os usos do espaço urbano, ou mesmo intervir em sua forma, através da

introdução de novos objetos na paisagem: os estádios. São objetos dotados de significativa centralidade no imaginário popular e capazes de cumprir papel relevante na reprodução social da cidade.

Notas

* Texto inédito, resultante de pequenas alterações no trabalho de fim de curso para a disciplina *Geografia da Cidade do Rio de Janeiro*, (Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRJ, 1997) ministrada pelo Prof. Dr. Maurício Abreu, a quem agradeço a leitura atenta e os valiosos comentários e sugestões.

** Professor Assistente do Departamento de Geografia de UERJ; doutorando em Geografia Humana pela USP.

1 Conceito utilizado em ELIAS e DUNNING (1985) para abarcar o amplo processo de transição dos jogos (da tradição local, sem regras escritas) para os esportes (fenômeno explicitamente regulado e aceito mundialmente).

2 O conceito de sociabilidade encontra na literatura acadêmica usos diversos. Temos a definição sumária do especialista Maurice AGULHON (1994, p. 55): *capacidade de viver em grupos e consolidar os grupos mediante a constituição de associações voluntárias*. LOUSADA (1995), por sua vez, faz um interessante levantamento das diferentes apropriações deste conceito, e conclui que sobre ele prevalece grande indefinição. Entretanto, não deixa de tomar a sua própria: *formas de convívio e de interação exteriores aos quadros elementares e de alguma forma compulsórios da vida social e coletiva*. Em ambos os autores, está implícito, pela voluntariedade ou desobrigação, a noção de uso coletivo do tempo livre. E entendemos aqui entram as associações esportivas amadoras.

3 Persiste a lacuna como um tabu, ainda que geógrafos de diversos países já tenham desenvolvido experiências promissoras no ramo, aliás há muito inaugurado por Élisée Reclus, que incluiu o cricket em sua *Géographie Universelle*. Dentre as iniciativas mais recentes merecem destaque AUGUSTIN (1995), BALE (1989 e 1993) e TOWNER (1996). Registre-se que uma *geografia da recreação* obteve particular atenção no âmbito da corrente pragmática neo-positivista anglo-saxônica, em trabalhos dedicados ao planejamento urbano, como em SMITH (1983) e LAVERY (1971).

4 Há muito o que ser levantado em fontes primárias, para corrigir problemas sérios. Mesmo em trabalhos de maior respeitabilidade encontram-se erros crassos, como em ARAUJO (1993, p. 315), que afirma ser o Fluminense FC o mais antigo clube de futebol no Brasil.

5 ABREU (1996, p. 155) nos alerta para a inconsistência da tradicional concepção de que o urbano na América Portuguesa tenha sido menos planejado/controlado que na colonização espanhola, afirmando que *na verdade, o Estado Português se insinuava por todas as dimensões da vida urbana, e muito especialmente nas cidades reais*.

6 *Economia de gestos* é uma expressão utilizada de forma criativa e muito apropriada por RAGO (1987), ao designar o conjunto de alterações comportamentais decorrentes do processo de disciplinarização da vida pública no Rio de Janeiro republicano.

7 Apontamentos colhidos no curso *Geografia da Cidade do Rio de Janeiro*, ministrado pelo Prof. Dr. Maurício Abreu, PPGG, UFRJ.

8 Entretanto, há que se admitir que, com o Renascimento, os estudos sobre o corpo, a biomecânica, e toda uma filosofia de uma *educação física* começam a ganhar corpo a partir do século XVI, ocupando mentes privilegiadas como Leonardo da Vinci, Montaigne e Francis Bacon, que estabeleceram exercícios físicos como ideal de uma educação cortesã (OLIVEIRA, 1994, p. 36-37).

9 Não podemos aqui nos estender sobre a evolução da ginástica e da educação física, que partem dos países nórdicos no início do século XIX para conquistar rapidamente a Europa (OLIVEIRA, 1994, p. 41). Movimento que encontra impulso adicional no discurso nacionalista em expansão, como por exemplo no pangermanismo, que fomenta o sentimento patriótico através do exercício físico generalizado para toda a população, reunindo multidões ao ar livre (ECKARDT e GILMAN, 1996, p. 129). Também a sociedade civil toma a iniciativa de formar agremiações (ou *clubs*, expressão inglesa que se difundiu mundialmente) para praticar ginástica e esportes.

10 O processo de regulamentação dos esportes corresponde a uma crescente redução da violência inerente ao confronto físico, coibindo diversas possibilidades de choques inoportunos e situações de risco, elementos próprios das práticas populares de

então. De tal forma que, em 1860, os antigos jogadores de rugby na Inglaterra chamavam os novos de *dandies* (ELIAS e DUNNING , 1985, p. 396).

[11] Em 1844, um alemão escrevia sobre os *sports: não temos palavra para isso, e somos quase forçados a introduzir o termo em nossa língua.* Mais tarde, a expressão *sport* estará consagrada não apenas na Alemanha, mas em todo o planeta: *a terminologia inglesa se difundiu tal qual os termos técnicos italianos no campo da música* (ELIAS e DUNNING, 1985, p. 188).

[12] FREYRE (1948, p. 56-57) lista uma infinidade de contribuições inglesas em nossa vida quotidiana, abrangendo desde produtos de vestuário, alimentação e bebida até práticas sociais como o *footing*, os clubes, vários esportes, o escotismo e o pic-nic, para não falar do romance policial e da fala em baixo tom.

[13] Um belo trabalho sobre o período que antecede o que chamamos aqui de febre esportiva, e que justamente aponta a conformação de um quadro de aceitação crescente dos esportes nobiliárquicos pela elite carioca, é a já citada dissertação de BUARQUE (1994).

[14] Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, códice (1730) 45-2-44. As expressões utilizadas pela associação inglesa Cricket Club denotam a necessidade de explicações (sobre as condições de terreno, por exemplo) ao poder público, até então completamente alheio àquela novidade. No mesmo processo, aliás, um vereador solicitou esclarecimentos sobre o que se trata (esse tal *divertimento inglês*).

[15] No ano de 1850 a Câmara Municipal lança edital com uma série de conselhos para a população evitar doenças epidêmicas, e inclui entre estes o uso repetido dos banhos de mar. Em 1876, é traduzido do francês o livro *Banhos de mar* (MELO, 1997, p. 231-232).

[16] BIRLEY (1995, p. 163) nos ajuda a visualizar o grande impacto da difusão da bicicleta no quotidiano das grandes cidades européias no final do século passado, sobretudo para as mulheres: a publicidade anunciava tal inovação como *quase equivalente a voar* e capaz de nos livrar da preguiça e depressão.

[17] El Deporte-Rey, Le Sport du Siècle, The People's Game, The World's Game, são algumas das definições que o futebol adquiriu por sua ubiquidade planetária, adquirida no transcorrer do século vinte. Por seu baixo custo de execução, pela simplicidade de sua regras, e por uma série de outros atrativos discutíveis porém fartamente alegados na literatura, o futebol adquiriu plena hegemonia no universo esportivo europeu e sul-americano desde 1920 (aproximadamente).

[18] Segundo LATIF (1965, p. 186), a virada do século é um período de forte europeização dos segmentos privilegiados da sociedade carioca, que *copiam, fantasiam e macaqueiam sem qualquer propósito (os modos de viver de Paris e Londres), esperando que o hábito predisponha o monge.* O autor faz uma interessante comparação entre a exposição internacional de 1908 (quando o Rio de Janeiro quer esconder sua mestiçagem e provincianismo) com a de 1922, marcada pelo apelo à brasilidade, já numa outra conjuntura.

[19] O Pavilhão de Regatas da praia de Botafogo é uma das realizações de Pereira Passos, e muito contribuiu para a popularidade do remo na cidade. As regatas tornaram-se, de imediato, um importante momento na vida social carioca. Em 1906, a municipalidade estabelece as exigentes condições para exploração privada de um *bar à européia* no interior do pavilhão, *proporcionando diversões elegantes*, mas sem prejudicar a Federação de Remo e os clubes de regatas que desfrutam do local (Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, códice 47-1-61). Nota-se a preocupação elitista de uso do pavilhão, porém considerando os esportes náuticos como sua prioridade.

[20] Outra pista para avaliar o investimento esportivo da Reforma Passos é o Campo de São Cristóvão (então praça Deodoro da Fonseca), que foi completamente ajardinado por Pereira Passos (em 1906), *sendo então reservada para exercícios militares de equitação e desportivos na grande área elíptica, dominando a qual há bancadas cobertas para espectadores* (ROSA, 1924, p. 77).

Referências Bibliográficas

ABREU, Mauricio de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. 147 p.

_____. Pensando a Cidade no Brasil do Passado. In: Castro, Iná E., Gomes, Paulo C., Correa, Roberto L. (Orgs), *Brasil:* questões atuais de reorganização do território. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 468 p.

AGULHON, Maurice. *Historia vagabunda.* México DF: Instituto Mora, 1994. 278 p.

ARAUJO, Rosa M. B. *A vocação do prazer:* a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. 406 p.

AUGUSTIN, Jean-Pierre. *Sport, Geographie et Aménagement.* Bordeaux: Édition Nathan, 1995. 254 p.

AZEVEDO, Fernando de. *A evolução do esporte no Brasil.* São Paulo: Cia Melhoramentos, 1930.

BALE, John. *Sport, space and the city.* New York: Routledge, 1993. 211 p.

___. *Sports Geography.* London: E. & F.N. Spon, 1989. 268p.

BENCHIMOL, Jaime L. *Pereira Passos:* um Haussmann tropical. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal, coleção Biblioteca Carioca, vol.11, 1990. 322 p.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar.* São Paulo: Cia das Letras, 1986. 360 p.

BIRLEY, Derek. *Land of Sport and Glory: Sport and british society, 1887-1910.* Manchester: Manchester Univ. Press, 1995.

BUARQUE, Virgínia A.C. *Mundanismo:* brisa renovadora. Moral e sociedade no Rio de Janeiro (1850-1870). Dissertação de mestrado em História, UFRJ, 1994.

CALDAS, Waldenir. *O Ponta-pé Inicial:* memória do futebol brasileiro (1894-1933). São Paulo: IBRASA, 1990. 234 p.

CARVALHO, Carlos Delgado de. *História da cidade do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, col. Biblioteca Carioca, 1994. 125 p.

CASTRO, Therezinha de; CUNHA, Orlando. *O America na história da cidade.* Rio de Janeiro: Real Gráfica, 1990. 131 p.

COELHO NETTO, Paulo. *História do Fluminense*. Rio de Janeiro: Gráfica Borsoi, 1952.

CORBIN, Alain. *Território do vazio:* a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. 368 p.

DUNNING, Eric; SHEARD, K. *Barbarians, gentlemen and players*. Oxford: Martin Robertson, 1979. 232 p.

ECKARDT, Wolf; GILMAN, Sander. *A Berlim de Bertold Brecht.* Rio de Janeiro: José Olimpio, 1996. 170 p.

EDMUNDO, Luis. *O Rio de Janeiro de meu tempo.* Rio de Janeiro: Conquista, 3 vols, 1957.

ELIAS, Norbertm, DUNNING, Eric. *Quest of Excitment:* sport and leisure in civiling process. Oxford: Blackwell, 1985.

FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

_____ .*Sobrados e mocambos.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

GUEDES, Simoni Lahud. Subúrbio: Celeiro de Craques, In DAMATTA, Roberto et al, *Universo do futebol:* esporte e sociedade brasileira p. 59-74. Rio de Janeiro:Pinakotheke, 1982. 124 p.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A Invenção das tradições.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens:* o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, coleção Estudos, vol.4, 1996. 243 p.

JESUS, Gilmar Mascarenhas. *Futbol y modernidad en Brasil:* la geografía historica de una novedad. *LECTURAS: Educacción Física y Deporte* (revista digital), Buenos Aires, num.10, año III, mayo/1998.

LAMBERT, Jacques. *Os dois Brasis.* São Paulo: Cia. Ed. Nacional, coleção Brasiliana, vol. 335, 1971. 277 p.

LATIF, Miran B. *Uma cidade no trópico:* São Sebastião do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1965. 232 p.

LAVERY, Patrick (org). *Recreational Geography.* London & Vancouver: David & Charles, 1971. 335 p.

LOUSADA, Maria Alexandre. *Espaços de sociabilidade em Lisboa, finais do século XVIII a 1834.* Tese de doutorado em Geografia Humana, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1995.

MANCHESTER, Alan. *Preeminência inglesa no Brasil.* São Paulo: Brasiliense, 1973.

MARX, Murilo. *Cidade no Brasil:* terra de quem? São Paulo: Nobel/EDUSP, 1991. 143 p.

MATTOS, Claudia. *Cem anos de paixão:* uma mitologia carioca no futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MELO, Victor. Banhos de Mar e os Primórdios dos Esportes Náuticos no Rio de Janeiro. *V Encontro de História do Esporte, do Lazer e da Educação Física* (coletânea), p.227-234, UNICAMP/UFAL/ETFA, 1997. 676 p.

MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Col. Biblioteca Carioca, vol.32, 1995. 176 p.

MORRIS, A. *Historia de la forma urbana.* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1984. 477 p.

OLIVEIRA, Vitor M. *O que é Educação Física.* São Paulo: Brasiliense, 1994. 111 p.

PHILO, Chris. História, Geografia, e o mistério ainda maior da geografia histórica. In: GREGORY, D., MARTIN, R. SMITH,G. (orgs.) *Geografia humana:* sociedade, espaço e ciência social. p.269-98. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. 310 p.

PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto.* São Paulo: Globo. Volume 7 da obra "Em Busca do Tempo Perdido, 1995.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar:* a utopia da cidade disciplinar. Brasil (1890-1930). São Paulo: Paz e Terra, 1987.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil:* 1500 - 1720. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1968. 235 p.

RENAULT, Celso. *O dia-a-dia no Rio de Janeiro segundo os Jornais:* 1870-1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. 238p.

RIBEIRO, Mario A. *Histórico da construção do hipódromo brasileiro.* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944. 195 p.

RODRIGUES FILHO, Mario. *O Sapo de arubinha:* os anos de sonho do futebol Brasileiro. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

ROSA, Ferreira da. *Rio de Janeiro, 1922-1924.* Rio de Janeiro: Typographia do Anuário do Brasil e Prefeitura Municipal, col. Memória do Rio, vol. 3, 1924.

SILVA, M. Nizza. *Cultura e sociedade no Rio de Janeiro:* 1808-1821. São Paulo: Ed. Nacional, coleção Brasiliana, vol. 363, 1978. 246 p.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo.* São Paulo: Cia. das Letras, 1995. 459 p.

SANTOS, Joel Rufino. *História política do futebol brasileiro.* São Paulo: Brasiliense, 1981.

SANTOS, Milton. *A Natureza do espaço:* técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996. 308 p.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público.* São Paulo: Cia. das Letras, 1995. 447p.

_____ *Carne e pedra:* o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 1997. 361 p.

SEVCENKO, Nicolau. Transformações da linguagem e advento da cultura modernista no Brasil. In: *Estudos históricos.* Rio de Janeiro: CPDOC, v. 6, n. 11, p. 78-88, 1993.

_____. *Literatura como missão.* São Paulo: Brasiliense, 1983. 257 p.

SMITH, Stephen. *Recreation Geography.* London & New York: Longman, 1983. 220 p.

STORCH, Robert. O policiamento do cotidiano na cidade vitoriana. *Revista Brasileira de História.* São Paulo, v. 5 n. 8-9, p. 7-33, set.1984 abr.1985.

TOWNER, John. *An historical geography of recreation and tourism in the western world:* 1540-1940. New York: John Wiley & Sons, 1996.

ZANCHETI, Silvio Mendes. A cidade e o estado no Brasil colonial: colocações para um debate. *Espaço & Debates,* São Paulo: NERU, n. 19, 1987.

SUMMARY

The weak structure of Brazilian colonial urbanization was characterized by few public spaces, with limited uses. The general modernization process, which started in middle 19th century, sped up urbanization and increased the dinamization of urban public spaces. We believe that the massive introduction of sports in urban life is an expression of this movement. In this paper we study Rio de Janeiro city between 1890 and 1920, using it as an example of the process of adoption of sports, its exibition and its context.

KEYWORDS:

Urbanization; Public Spaces; Sports.